

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO METAFÓRICO À LUZ DA ENUNCIÇÃO

Aline Wieczikovski ROCHA
Universidade de Passo Fundo

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de demonstrar como ocorre a construção do sentido da metáfora em textos/discursos. Para tanto, nos utilizaremos das reflexões de Émile Benveniste, acerca da teoria da enunciação. A metáfora, amparada no fundamento enunciativo, é observada como uma ocorrência linguística que tem uma dupla articulação: a língua como sistema de signos e a língua enquanto comunicação, ou seja, a língua que é forma e a língua que é discurso. Nesse contexto, observa-se que o sentido metafórico é produto da cena enunciativa determinada pelo locutor e pela posição única que ele assume frente a seu alocutário em cada enunciado, em cada discurso.

Palavras-chave: metáfora; enunciação; construção de sentido.

1 Introdução

O tema desse artigo é a metáfora, sendo nosso objetivo geral verificar como esse elemento linguístico “comporta-se” perante uma proposta enunciativa. Nesse sentido, tomemos como questões norteadoras deste estudo as seguintes: valendo-se da teoria da enunciação, do teórico Émile Benveniste, que contribuições podemos derivar de tais reflexões a fim de compreendermos a metáfora numa dinâmica além do ornamento de linguagem, previsto pelo estudo tradicional? Como, então, pensar a metáfora operando no interior da língua em uso? Quais implicações uma reflexão enunciativa poderá oferecer ao ensino de língua?

Em torno dessa temática, e a partir dos textos de Benveniste, justificamos nossa escolha pela teoria em questão. Consideramos que as reflexões de Benveniste abordam fundamentos importantes sobre a língua, pois, além de ser compreendida como um sistema organizado de signos, é vista como um mecanismo de comunicação, uma constatação importante para a constituição do sentido na

linguagem, que faz com que a língua, considerada como unidade de sentido, transforme-se em língua-discurso.

Concernente à estrutura do artigo o elaboramos da seguinte forma: 1) explicita-se o recorte de alguns pontos fundamentais da teoria da enunciação; 2) expõe-se à análise um enunciado metafórico extraído de um texto publicitário, problematizando a questão da metáfora segundo o dispositivo enunciativo; 3) verificam-se as possíveis contribuições deste prisma teórico ao trabalho com a metáfora no ensino de língua.

2 A ENUNCIÇÃO EM QUATRO ARTIGOS QUE SE VINCULAM

2.1 A noção de nível: uma descrição da articulação da linguagem

Dada a forma deste trabalho, a de artigo, organizamos um recorte teórico dos textos de Benveniste capaz de estruturar a análise enunciativa da metáfora. Assim, daremos enfoque à noção de nível (*Os níveis de análise linguística*), a fim de descrever a natural articulação da linguagem; trabalharemos com a relação forma e sentido (*A forma e o sentido na linguagem*); observaremos o caráter subjetivo da linguagem (*Da subjetividade na linguagem*); e por fim o ato por meio do qual se constrói a relação homem-mundo (*O aparelho formal da enunciação*).

Conforme expõe Benveniste (1995 p.127), quando um objeto como a linguagem é estudado com espírito científico, evidencia-se que todas as questões se propõem ao mesmo tempo conforme o fato linguístico, e que se refere, em primeiro lugar, relativamente ao que se deve admitir como *fato*, isto é, aos critérios que o definem como tal. Assim, Benveniste (1995, p. 127) observa o reconhecimento de que a linguagem precisa ser descrita como uma estrutura formal, pautada em procedimentos e critérios adequados, a fim de organizar os fenômenos estudados, classificando-os segundo um princípio racional para que, desse modo, possam ser construídas descrições coerentes da língua. Essa constatação conduz ao que Benveniste chamou de noção de *nível*, que segundo ele parece ser “essencial na determinação do procedimento de análise” (1995, p. 127), uma vez que, nela está a possibilidade de reconhecermos, “na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo”. Além do mais, há no procedimento da análise duas importantes operações que se relacionam e que são fundamentais para que as demais se realizem, são as operações de segmentação e substituição.

A esse propósito, Benveniste (1995, p. 128) observa que, indiferente da extensão de um texto, é necessário que esse seja segmentado em porções cada vez mais reduzidas, a fim de chegar aos elementos não decomponíveis. O exercício de substituição de um dado elemento organiza uma espécie de “repertório das substituições admissíveis, cada uma se destacando por sua vez um segmento identificável em outros signos.” (BENVENISTE 1995, p. 128). Isso equivale ao método de distribuição, o qual Benveniste resume da seguinte maneira:

[...] o método de distribuição consiste em definir cada elemento pelo conjunto do meio em que se apresenta, e por intermédio de uma relação dupla, relação do elemento com os outros elementos simultaneamente presentes na mesma porção do enunciado (relação sintagmática); relação do elemento com outros elementos mutuamente substituíveis (relação paradigmática) (BENVENISTE, 1995, p. 128).

Nesse instante, Benveniste atenta para a diferença entre as operações de segmentação e substituição, para ele “os elementos identificam-se em função de outros segmentos com os quais estão em relação de capacidade de substituição.” (1995, p. 128). A substituição, entretanto, pode ser realizada em elementos não segmentáveis, é o caso dos fonemas, que podem sofrer uma análise que isole em seu interior traços distintivos, os quais não são segmentáveis, mas identificáveis e substituíveis. Essa observação acaba identificando duas classes de elementos mínimos, os fonemas (segmentáveis e substituíveis) e os traços distintivos dos fonemas (apenas substituíveis), que, no procedimento de análise, são reconhecidos como os dois níveis inferiores. O primeiro trata-se do nível fonemático, o das operações de segmentação e substituição. O segundo, nível hipofonemático, cujos traços distintivos não são segmentáveis e dependem apenas da substituição (BENVENISTE, 1995, p.128-129). A este último Benveniste propõe chamar nível merismático.

Uma vez estabelecidos os níveis inferiores de análise, é preciso pensar em como operar em um nível superior, segmentando e substituindo unidades mais extensas. Nesse caso, “a condição linguística do sentido” deverá se fazer presente satisfazendo “a delimitação da nova unidade de nível superior” (BENVENISTE, 1995, p. 130). Nessa perspectiva, Benveniste (1995, p. 130-131) percebe o sentido como “a

condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico”, sendo necessário apenas ver como ele “intervém nas operações e de que nível de análise depende”. Para o teórico o nível é um operador, visto que é no processo de análise que as unidades linguísticas se realizam, ou seja, só são recebidas como unidades linguísticas se puderem ser identificadas em uma unidade mais alta, e isso só é possível no momento em que são expostas à análise de níveis.

Assim, Benveniste formula duas definições, a de *forma* e *sentido* de uma unidade linguística. À primeira atribui-se “a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior”; e à segunda, “a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior”, respectivamente. (1995, p. 135-136). Essas propriedades apresentam como característica sua indissociabilidade no funcionamento da língua, pois se relacionam no processo de análise em função da natureza articulada da linguagem. As definições de forma e sentido de uma unidade linguística projetam as bases do sentido na língua, visto que é no processo de análise que se observa a forma, no nível semiótico, ligada ao signo linguístico, e também nele que se situa o nível semântico, o qual está ligado à frase, portanto, à referência. É aqui, no nível semântico, que temos a ideia, a sintagmatização. E é, como veremos adiante, na passagem de um nível para o outro que temos a conversão de língua para língua-discurso.

A frase tratada como unidade completa traz em si sentido e referência: “sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação.” (BENVENISTE, 1995, p. 140). Essa dupla articulação da frase é a condição que a torna analisável para o locutor, uma vez que, na aprendizagem e no exercício da linguagem apresentam-se diferentes situações que exigem do locutor sensibilidade para apurar os conteúdos transmitidos, a partir de poucos elementos empregados. Essa inserção no domínio do discurso projeta o locutor para uma ação inconsciente do sistema, que desencadeia a apreensão da noção empírica do signo e que pode ser definido no âmbito da frase: “o signo é a unidade mínima da frase susceptível de ser reconhecida como idêntica num meio diferente, ou de ser substituída por uma unidade diferente num meio idêntico.” (BENVENISTE, 1995, p.140). O nível da frase é responsável, então, pela expressão do sentido, porque é nesse nível que se constrói a referência, a ideia. É nesse nível que as formas se assumem como expressão e como tal passam a comunicar sentidos.

O estudo dos níveis de análise de Benveniste o conduz à conclusão de que a linguagem começa a partir do “discurso atualizado em frases”, pois é aí que “a língua se forma e se configura.” (BENVENISTE, 1995, p. 140). O discurso é o espaço em que o nível da frase se realiza, é onde podemos ver a língua que é forma transmitindo conteúdo, manifestando sentidos sempre singulares. O nível da frase coloca em cena não só a língua, mas uma língua que é, sobretudo, discurso: língua-discurso.

2.2 A dupla significância da língua

Pensar no discurso como manifestação da língua no uso da linguagem faz com que Benveniste amplie suas reflexões, preocupando-se então com o aspecto semântico da teoria linguística da enunciação.

Assim, a significação é um dos pontos que o teórico preocupa-se em esclarecer, pois se a linguagem significa “a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza.” (BENVENISTE, 1989, p. 223). Além desse importante aspecto da linguagem, destaca-se também “o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido.” (BENVENISTE, 1989, p. 224). Ao colocar a linguagem diante de dois eixos distintos Benveniste faz uma aproximação ao que Saussure propôs como sistema de signos:

Quando Saussure introduziu a idéia de signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ele podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. (BENVENISTE, 1989, p. 224).

Segundo Benveniste (1989, p. 224), se Saussure chegou ao ponto de ver a língua como um sistema significante, agora é preciso tentar transcender esse ponto de partida, e um movimento dessa natureza requer a compreensão de tudo aquilo que está relacionado às noções de sentido, forma e a doutrina saussureana de signo.

A esse propósito, o referido autor considera que “dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que *o signo é a unidade semiótica.*” Essa é uma

proposição que não está em Saussure, mas que está formulada nas reflexões de Benveniste. Para definir o signo é preciso observar que a linguagem não se deixa dividir, e sim se decompor em unidades mínimas cujos elementos de base são em número limitado, distintos um do outro, e que suas unidades se encontram a fim de formar agrupamentos, criando sempre novas unidades que se formam em um nível cada vez mais alto. No que se refere ao signo, este tem por critério um limite inferior, o da significação. Assim sendo, não se pode nunca “descer abaixo do signo sem perder a significação.” Já no caso da unidade, ela “é uma entidade livre, mínima em sua ordem, não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre.” (BENVENISTE, 1989, p. 225). Desse modo, não há como definir o signo sem perceber sua dependência semiótica da língua. c

Conforme Benveniste (1989, p. 225), Saussure tratando do signo linguístico, abriu caminho para uma descrição das unidades semióticas, sendo que, “estas devem ser caracterizadas pelo duplo ponto de vista da forma e do sentido, já que o signo, unidade bilateral por natureza, se apresenta por sua vez como significante e como significado.” (BENVENISTE, 1989, p. 225).

Observando o significado, Benveniste (1989, p. 227) reafirma o signo como unidade semiótica, sendo dotado de significação perante aqueles que fazem uso de uma língua, “e a totalidade desses signos forma a totalidade da língua.” Na semiologia, “o que o signo significa não dá para ser definido,” pois para que um signo exista como tal, é preciso que “ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos.” A esse respeito, Benveniste (1989, p. 227) questiona se a entidade considerada significa. No caso da resposta ser afirmativa “tudo está dito e registre-se”, numa negativa “rejeitemo-la e tudo está dito também.” O cerne da questão não é mais definir o sentido, já que no plano do significado o critério de análise é se algo significa ou não. Para Benveniste, “significar é ter sentido e nada mais,” (1989, p. 227), e completa:

[...] este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é a *língua* e nada mais. Nós erigimos, desta forma, a noção de uso e de compreensão da língua como um princípio de discriminação, um critério. É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua. (BENVENISTE, 1989, p. 227).

A partir dessas considerações, o autor anuncia como princípio elementar do domínio semiótico que o signo seja “necessário e suficiente” e que do mesmo modo “se possa identificá-lo no interior e no uso da língua,” (BENVENISTE, 1989, p. 227), pois, segundo sua compreensão, “cada signo entra numa rede de relações e de oposições com outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua.” (BENVENISTE, 1989, p. 227). Portanto, aquele que diz “semiótico” está assumindo o caráter “intralinguístico” do signo, porque “cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa.” (BENVENISTE, 1989, p. 227-228). Para o teórico três consequências surgem a partir desse posicionamento. O fato de que a “semiótica não se ocupa da relação do signo com as coisas denotadas, nem das relações entre a língua e o mundo.” Assim como, o signo assume “sempre e somente o valor genérico e conceptual”, isso equivale a dizer que o signo “não admite significado particular ou ocasional, excluindo-se tudo o que é individual, as situações de circunstâncias são como não acontecidas,” e, por fim, o caráter binário das oposições semióticas que, de acordo com o autor, “parece ser a característica semiológica por excelência, na língua antes de tudo e depois em todos os sistemas de comportamento nascidos no seio da vida social e dependentes de uma análise semiológica.” (BENVENISTE, 1989, p. 228). O que precisa ficar claro é que a disposição dos signos se dá sempre e somente em relação paradigmática, devendo-se, então, incluir na semiologia toda a variedade de categorias de signos, observando toda a sua arquitetura.

O ponto dito crucial da análise de Benveniste está, segundo ele, na representatividade da frase, pois “qual a sua função comunicativa na língua?” (BENVENISTE, 1989, p. 228). No que respeita a essa questão, ele diz que:

[...] Contrariamente à idéia de que a frase possa constituir um signo no sentido saussureano, ou que se possa por simples adição ou extensão do signo passar à proposição e depois aos diversos tipos de construções sintáticas, pensamos que o signo e a frase são dois mundos distintos e que exigem descrições distintas. Instauramos na língua uma divisão fundamental, em tudo diferente daquela que Saussure tentou instaurar entre língua e fala. Parece-nos que se deve traçar, através da língua inteira, uma linha que distingue duas espécies e dois domínios do sentido e da forma, ainda que, eis ainda aí um dos paradoxos da linguagem, sejam os mesmos elementos que se encontrem em uma e outra parte, dotados, no entanto, de estatutos diferentes. (BENVENISTE, 1989, p. 229)

As considerações de Benveniste apresentam a indissociabilidade da forma e do sentido na língua, pois o primeiro estatuto da língua é o semiótico que como tal tem por fundamento significar. No que se refere ao seu segundo estatuto, o semântico, tem por função comunicar. Nesse sentido, a semântica refere-se à língua em emprego e ação, servindo de mediadora “entre homem e homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas”, pois a língua desempenha distintos papéis, como o de transmitir informação, comunicar experiências, enfim, organizar a vida dos homens, já que é ela o instrumento da descrição e do raciocínio. O funcionamento semântico da língua tem sua importância porque é a partir dele que se pode integrar a sociedade ao mundo, garantindo, de certo modo, “a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência.” (BENVENISTE, 1989, p. 229). O debate a respeito da condição semiótica e semântica da língua é intenso e suscita por parte de Benveniste observações como esta:

[...] a expressão semântica por excelência é a frase. Nós diríamos a frase em geral, sem mesmo distingui-la da proposição, para nos mantermos no essencial, a produção do discurso. Não se trata mais, desta vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística de seu pensamento. Do semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva: todas as noções que passamos em revista retornam, mas outras e para entrar em relações novas. (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Dessa forma, destaca-se que a semiótica tem por característica ser própria da língua, enquanto que a semântica depende que um locutor coloque a língua em ação para que se realize. Essas duas noções apresentam, ainda, algumas particularidades como a do signo semiótico e da frase. O primeiro, para que exista em si e funde a realidade da língua, não encontra aplicações particulares. Já a frase, enquanto expressão do semântico, apresenta, além dessa particularidade, a relação com as coisas que estão fora da língua. Se o signo tem por parte integrante o significado, o sentido da frase está relacionado à situação do discurso e à atitude do locutor. (BENVENISTE, 1989, p.230). A partir dessas considerações é possível abordar as noções de forma e sentido numa perspectiva semântica da língua.

Para tanto, Benveniste (1989, p. 231) coloca como princípio o fato de que o sentido da frase é diferente do sentido das palavras que a compõem, porque “o sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica).” Transmitir a ideia, que é sempre particular, é uma tarefa em que o locutor seleciona e emprega as palavras de acordo com o sentido pretendido. Outro termo que, conforme Benveniste (1989, p. 231), se faz necessário introduzir é o “referente”, que “é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso.” (BENVENISTE, 1989, p. 231). O referente tem, assim, sua relevância tal qual o sentido, pois na medida em que o “sentido” da frase tem a proporção da ideia que ela exprime, a “referência” da frase é vista como “o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever e fixar.” (BENVENISTE, 1989, p. 231). A frase é, portanto, sempre um acontecimento diferente, que “não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece.” (BENVENISTE, 1989, p. 231). No que se refere às palavras, seu sentido é resultado do modo como são combinadas, empregadas. Assim, “o sentido de uma palavra consistirá na sua capacidade de ser integrante de um sintagma particular e de preencher uma função proposicional.” (BENVENISTE, 1989, p. 231-232). A polissemia é, nesse sentido, a soma de valores contextuais instantâneos, e em constante movimentação de valor e permanência. É na perspectiva semântica da língua que posicionamos este estudo, visto que trazer à cena a metáfora implica em considerarmos a sua potencialidade em integrar um sintagma particular, preenchendo uma função proposicional e manifestando, assim, a polissemia, essa soma de valores contextuais instantâneos.

Considerar uma entidade lexical como signo ou como palavra, implica em duas consequências opostas. Concernente à primeira, Benveniste diz que “dispõe-se muitas vezes de uma variedade bastante grande de expressões para enunciar, como se diz, a ‘mesma ideia’.” (1989, p. 232). À segunda, respeita ao fato de que o agenciamento da ideia deve sofrer restrições, “há aqui necessariamente uma mistura sutil de liberdade no enunciado da ideia e de restrição na forma deste enunciado, que é a condição de toda a atualização da linguagem.” (BENVENISTE, 1989, p. 232). Entender a articulação semântica é ver que o “sentido” da frase encontra-se na totalidade da ideia, que é percebida por uma compreensão global; e que a “forma” é obtida pela “dissociação analítica do enunciado processada até as unidades

semânticas, as palavras.” (BENVENISTE, 1989, p. 232). A propósito do sentido Benveniste afirma que,

[...] o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto de situação. Ora, as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico. Mas estes signos, em si mesmos conceptuais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como “palavras” para noções sempre particulares, específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso. (BENVENISTE, 1989, p. 232-233).

O processo de transformação do pensamento em discurso se dá através da sua modelagem à estrutura formal do idioma, ou seja, “à organização tipológica que, segundo a língua, faz predominar tanto o gramatical quanto o lexical.” (BENVENISTE, 1989, p. 233). Para o autor, a possibilidade de “dizer a mesma coisa” em diferentes categorias de idiomas é prova da independência relativa do pensamento e de sua estreita adaptação à estrutura linguística. Dessa maneira, pode-se observar que é possível “transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra, [...] é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução.” (BENVENISTE, 1989, p. 233). É a partir disso que se estabelece a diferença entre o semiótico e o semântico.

Esses dois sistemas apresentam-se na língua em uso da seguinte forma: na base está o sistema semiótico, enquanto organização de signos, conforme o critério da significação, “tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa sub-unidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos.” (BENVENISTE, 1989, p. 233). A partir deste fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, cuja significação é intencionada e produzida através da sintagmatização das palavras, considerando que, “cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo.” (BENVENISTE, 1989, p. 234). O autor segue explicando que,

[...] é necessário traçar uma distinção no interior do domínio semântico entre a multiplicidade indefinida das frases possíveis, quer por sua diversidade, quer por sua possibilidade de se determinarem umas pelas outras, e o número sempre limitado, não só de lexemas utilizados como palavras, mas

também dos tipos de esquemas sintáticos a que necessariamente a linguagem recorre. (BENVENISTE, 1989, p. 234).

Esse duplo sistema não está simplesmente presente na língua, é ele que a movimenta e num ritmo tão veloz e, ao mesmo tempo, sutil que analisá-lo ou desprendê-lo exige um grande esforço, pois um pertence ao outro, tamanho o poder significante da língua. A reflexão de Benveniste acerca da linguagem, no referido artigo, é encerrada com as palavras de Heráclito (*apud* Benveniste, 1989, p. 234): “Ela não diz nem oculta, mas ela significa”, pois para Benveniste não há como considerar a língua se não observá-la enquanto realização conjunta, que relaciona um locutor usando a língua no mundo.

Exposto o conteúdo teórico, passemos à análise e reflexão

3 Análise

Observe-se o seguinte texto publicitário, ele traz o seguinte anúncio: **Enxugue as medidas sem fazer muito esforço e seja mais feliz!** Deste, destaca-se para análise o enunciado metafórico **Enxugue as medidas** e como signo de análise semiótica **enxugue**.



De acordo com Benveniste (1989, p. 225) não há como definir o signo sem perceber sua dependência semiótica da língua, uma vez que sua existência depende

¹ Anúncio de página única, presente na revista Veja de 17 de junho de 2009, edição 2117 – ano 42 – nº 24, Editora Abril.

de sua inserção no uso dessa língua, segundo o autor “o que não é usado não é signo, e fora do uso o signo não existe.” (BENVENISTE, 1989, p. 227). Qualquer descrição que se queira precisa, então, pertencer ao uso da língua.

Assim, é necessário observar que a “semiótica não se ocupa da relação do signo com as coisas denotadas, nem das relações entre a língua e o mundo.” (BENVENISTE, 1989, p. 228). Nesse sentido, a análise do enunciado metafórico **Enxugue as medidas** ficaria restrita, pois nada que fosse da ordem da língua em uso e do mundo poderia servir à análise. Isso porque o signo “não admite significado particular ou ocasional, excluindo-se tudo o que é individual, as situações de circunstâncias são como não acontecidas.” (BENVENISTE, 1989, p.228). Portanto, se não há significado particular e exclui-se tudo o que é individual e circunstancial, não há como obter sentido, não há como deixar de ser uma forma da língua. Dessa maneira, Benveniste compreende que,

[...] se deve traçar, através da língua inteira, uma linha que distingue duas espécies e dois domínios do sentido e da forma, ainda que, eis ainda aí um dos paradoxos da linguagem, sejam os mesmos elementos que se encontrem em uma e outra parte, dotadas, no entanto, de estatutos diferentes. (1989, p.229).

Com isso, a língua passa a ter em si dois estatutos, o semiótico que como tal tem por fundamento significar, e o semântico cuja função é comunicar, este corresponde a atualização linguística do pensamento do locutor; aquele que formaliza a língua. Nesse caso, apresentamos as frases a seguir para uma primeira análise de sentido: **Enxugue as louças**, e, **Enxugue as medidas**. **Enxugue** é o mesmo elemento nas duas situações, porém dotado de estatutos diferentes, porque a referência construída no nível semântico da língua traz uma enunciação específica o que possibilita um outro sentido

Esses dois enunciados constituem uma unidade de sentido, uma vez que representam a cena enunciativa, um locutor que em posse e uso da língua dirige-se a um alocutário com a intenção de comunicar uma situação do discurso. É esta situação do discurso que reelabora os enunciados acima. Sem a referência do discurso, tem-se apenas a possibilidade da língua, a língua se faz língua-discurso a partir do centro de referência da enunciação. Assim, **Enxugue as louças** não apresenta sentido

metafórico, porque o seu sentido será construído a partir da sua referência, que é **louças**, e, portanto, pode perfeitamente manter o valor do signo semiótico, **secar**. Já a expressão **Enxugue as medidas**, possui uma referência distinta, **medidas**, o que faz com que seu sentido passe pelo valor genérico do signo e se reconstitua outro, ou seja, ele transforma o sentido de **secar** para o sentido de **diminuir medidas**, e isso o constitui como enunciado metafórico.

A imagem, texto visual, colabora com o leitor do texto no instante em que reafirma a referência desse texto, visto que a capa da revista explora a imagem da mulher perfeita, com as medidas exatas. As **medidas**, que referem o discurso, são aquelas que o locutor ordena que sejam diminuídas no corpo do leitor e que, provavelmente, devem estar sobrando, segundo o perfil de beleza imposto pela revista.

Assim, a relação da palavra e imagem depende não só da atitude do locutor que enuncia **Enxugue as medidas sem fazer muito esforço e seja mais feliz!**, mas da enunciação de resposta do alocutário/tu. Isso porque há nessa enunciação um apelo para que o tu sinta-se fora do perfil físico idealizado pela sociedade, já que o locutor ordena que se **enxugue as medidas**, e seleciona para cumprir essa função a imagem da atriz Flávia Alessandra. Para que o apelo visual funcione é preciso que o tu assumas suas medidas como excessivas e deseje o ideal de beleza proposto com a imagem da atriz, suscitando assim como enunciação de resposta a compra da revista, a qual prescreve dietas como remédio da felicidade.

O que a revista idealiza na cena enunciativa é a imediata perda de medidas do alocutário. Então, o valor de **enxugue** na língua-discurso é **diminua**, pois o que se quer é vender a dieta da proteína do bem, cuja promessa é a de perder 5kg em 20 dias. Pode-se pensar, ainda, que **enxugue** pode estar relacionado à eliminação de líquidos, que também faz perder peso, entretanto, **enxugue** tem como referência **medidas**, o que corrobora para que o locutor venda a promessa de **perda** de peso, logo, de **medidas**.

A metáfora se realiza em virtude do elo entre os traços semânticos do enunciado no discurso. Como se observou o signo **enxugar** tem em si o valor genérico de secar e no discurso, onde a metáfora se manifesta, enuncia-se um novo valor para o mesmo signo, o qual corresponde a **diminuir**.

Nesse sentido, o enunciado **Enxugue as medidas sem fazer muito esforço e seja mais feliz!** realiza-se como enunciado metafórico porque expressa a idéia de

perder, diminuir peso com facilidade, usando a metáfora para exprimir a relação com as coisas do mundo, ou seja, é fato que a sociedade impõe um padrão de beleza, assim como é fato o desejo de felicidade, a solução para obter espaço na sociedade e ser feliz está na metáfora **enxugue as medidas**, onde você interlocutor/leitor através da compra da revista Boa Forma será aceito pela sociedade assim que deixar de ter medidas excessivas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira questão a ser considerada é a de que a metáfora não é apenas um elemento linguístico que ornamenta a linguagem, uma vez que sua presença no texto regulariza a reorganização de sentidos desse texto.

Outro fator importante a se destacar é o de que a metáfora é uma realização da língua e de seu duplo sistema, ou seja, uma realização que tem a participação do nível semiótico, na qualidade de provedor do valor genérico de todo signo da língua, e, sobretudo, do nível semântico, que se encontra acima do nível semiótico na língua e, que é responsável por promover a língua à condição de língua-discurso.

Assim sendo, a metáfora se constitui como tal apenas quando observada na comunicação discursiva, porque é nela que a língua vive em plenitude, porque é a partir dela que os interlocutores cumprem suas necessidades comunicativas. Dessa forma, assumir um enunciado como metafórico é dar a ele a propriedade de ser uma elaboração do discurso, e como tal existir apenas “na rede de ‘indivíduos’ que a enunciação cria em relação ao ‘aqui-agora’ do locutor.” (BENVENISTE, 1989, p. 86). Essa relação que a metáfora constrói, na perspectiva enunciativa, ficou evidenciada na análise realizada, onde o sentido da metáfora foi estabelecido pela referência dos seu respectivo discurso.

No enunciado metafórico **Enxugue as medidas** observamos como referência a palavra **medidas**, que demonstrou reter parte do sentido atribuído pelo nível semiótico, simulado no enunciado **Enxugue as louças**. Na análise dos referentes, **medidas** e **louças**, percebemos que eles redimensionam a descrição semântica de seus respectivos enunciados, pois no enunciado simulado o sentido se restringe a ideia de secar as louças, enquanto que no enunciado metafórico além da ideia de secar, que o referente herda do nível semiótico, a língua-discurso designa o sentido

de diminuir, ou seja, secar, portanto, diminuir. Nessa análise evidenciamos que a imagem do texto é uma espécie de suporte da referência, pois nela o leitor tem a possibilidade de confirmar o sentido da metáfora. Isso porque há uma estreita relação entre o que é dito e o que é visto, por isso o texto publicitário, no que concerne à análise de metáforas, demonstra-se um gênero textual discursivo, porque a sua compreensão estará ligada ao discurso daquele que o toma como língua e o promove a discurso.

A metáfora é, assim, um exemplo de elemento linguístico que consegue, na cena enunciativa, transpor a dimensão do valor semiótico e provocar um valor específico para o discurso em que está. Então, analisar o sentido de uma metáfora no discurso é observar seu valor frente ao dispositivo que propicia sua enunciação. Fora dessa enunciação, não há metáfora, há, pois, apenas um signo em nível semiótico. Para ser metáfora precisa ser língua-discurso, precisa pertencer a um locutor em uma esfera de comunicação, precisa criar sentido e sentidos que serão sempre outros em distintas enunciações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. O sintoma da linguagem. Por que gosto de Benveniste? **Cadernos de Semiótica Aplicada**. v. 3, nº 2, dezembro de 2005.

Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/index.php/casa/article/viewFile/575/495>>

Acesso em 10 dez. 2010.

Anexo

EDITORA  Abril

ENXUGUE AS MEDIDAS SEM FAZER
MUITO ESFORÇO E SEJA MAIS FELIZ!



BOA FORMA

www.boaforma.com.br

MAQUIAGEM
QUE CABE
NO BOLSO
32 produtos
a partir de
4 reais

**Flávia
Alessandra,**
linda aos 35 anos!
Aqui, os truques
de dieta e o treino

**-5kg
em
20 dias**
COM A DIETA DA
PROTEÍNA DO BEM

SEU CABELO ESTÁ
CAINDO? Tratamentos
e produtos que funcionam
(com antes e depois)

35 lanchinhos
para levar na bolsa

 **TESTE: O EXERCÍCIO QUE COMBINA COM VOCÊ**

ISSN 1678-3433
100% em P.V.
Ano 11 Nº 14
142 pp.

www.boaforma.com.br

Já nas bancas